

165 190

12

LITERATURA

EDIR 172

A transformação do índio em pesquisador

Autora revela trabalho pedagógico junto a aldeias indígenas do Acre

É difícil imaginar uma escola que fuja aos padrões tradicionais. A empreitada do projeto Uma Experiência de Autoria, da Comissão Pró-Índio do Acre, onde 10% do território correspondem a áreas indígenas e rendeu a formação de 40 professores índios, é revelada pela professora carioca Nietta Lindenberg Monte em **Escolas da Floresta - Entre o Passado Oral e o Presente Letrado** (Multiletra, 228 páginas, R\$ 30,00). O livro será lançado hoje, às 20 horas, na Livraria Marcabru, no Gávea Trade Center, Rio de Janeiro. Antes de lançá-lo no Espírito Santo, a professora ainda passará por Minas Gerais e Acre.

Coordenadora da equipe multidisciplinar formada por matemáticos, físicos, historiadores, geógrafos e outros professores de universidades de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e de Alagoas que se encarrega do ensino de primeiro e segundo graus aos índios, Nietta está envolvida no trabalho desde 1983. Através da pesquisa, ela faz uma reflexão sobre a chegada da escrita em aldeias, em especial as ligadas aos grupos Pano e Aruaque, e analisa o resultado obtido - os índios passaram a pesquisar e a escrever a própria história.

Escolas da Floresta é resultado de estudo de diários de classe de professores da nação Kaxiwaná. Também no Acre, as crianças entram na escola aos sete anos, só que não exis-

te a obrigatoriedade, em se tratando de um projeto que leva em consideração a realidade não dos brancos, portanto, sem autoritarismos. Trata-se de um revolucionário trabalho pedagógico, sob a responsabilidade institucional da Comissão Pró-Índio do Acre, que foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como exemplo de proposta bem-sucedida de desenvolvimento humano para a Amazônia.

Com o desafio de formar, junto com outros profissionais, dentro da comunidade indígena pessoas conscientes para enfrentar o mundo dos exploradores e explorados, Nietta é obrigada, há 15 anos, a dividir o seu tempo entre o Rio, onde mora, e a Amazônia. Ela chegou ao Acre quando estava sendo desenvolvido o processo de demarcação de terras, de organização sócio-política, e o projeto surgiu como modo de preservar a história dos índios, que hoje correspondem a 0,2% da população daquele Estado.

Ela também é coordenadora, junto com Cláudia Neiva de Matos, de **Antologia da Floresta**, livro também lançado pela Multiletra (64 páginas, R\$ 35,00), já nas livrarias.



NA FLORESTA
Nietta Lindenberg Monte: diários de classe de professores kaxiwaná

Evaristo Borges